

HORA DE DECISÃO MARCA O FUTURO DA PRIMEIRA ACADEMIA DO BRASIL

Como se registraram as manifestações mentais de nosso povo no século XIX — Do Gabinete de Leitura à Academia Cearense, um período de ebulição literária — Objetivos da sociedade criada sob o patrocínio de Tomás Pompeu de Sousa Brasil — Atividades marcantes de Farias Brito, Barão de Studart e Clóvis Beviláqua — A “Finalidade do mundo” numa avant-première — Incorporam-se as duas academias do Ceará — A fase definitiva e o amanhã do velho sodalício

F. S. NASCIMENTO

Tendo esta capitania atravessado os primeiros séculos de existência política e social com a preocupação, quase que exclusiva, de assegurar a posse da terra e promover a civilização dos grupos étnicos que se iam assimilando, só muito depois viria a sua gente ocupar-se com as coisas do espírito, despertando assim para um estágio mais elevado das conquistas humanas. Conhecidos aquêles primeiros arrufos literários de que, segundo o prof. Dolor Barreira (História da Literatura Cearense, tomo I, 1948), foram receptáculos os famosos Oiteiros (1813), passado mais de meio século após aquêlo indício de formação de uma elite intelectual, é que começariam a desabrochar, em definitivo, as manifestações mentais do povo cearense, primeiramente sob o influxo da Academia Francesa, fundada em 1872, por Tomás Pompeu Filho, Rocha Lima, Capistrano de Abreu, João Lopes e Xilderico de Faria, e posterior e sucessivamente através do Gabinete Cearense de Leitura (1875), do Clube Literário (1886), da Padaria Espiritual (1892), da Academia Cearense (1894) e, finalmente, do Centro Literário, surgido a 27 de setembro desse mesmo ano de 1894, sob a inspiração de Juvenal Galeno, Pápi Júnior, Quintino Cunha, Farias Brito, Rodolfo Teófilo e outras figuras de

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

grande projeção intelectual na época. Formadas, todavia, por grupos que se uniam e se dispersavam poucos anos mais tarde, provocando o seu conseqüente desaparecimento, só uma dessas sociedades estaria fadada a chegar até nós, apesar de ameaçada de soçobrar por várias vêzes em horas de indecisões e calmarias.

A PRIMEIRA FASE

Fundada a 15 de agôsto de 1894, sob o batismo de Academia Cearense, vigorosa e fecunda passou a ser a sua atuação em nossa vida cultural, sendo testemunho disso a sua própria revista que, embora explorando um gênero acentuadamente literário, chegava a ombrear-se com o órgão do Instituto Histórico do Ceará. Composta de um quadro social de trinta acadêmicos, onde se encontravam expressões intelectuais do porte de Farias Brito, Guilherme Studart (Barão de Studart), Antônio Bezerra de Meneses, Henrique Théberge, Justiniano de Serpa e o cratense Alcântara Bilhar, a primeira academia do Brasil se instalava, sessenta e oito anos atrás, com uma diretoria assim constituída: Presidente — Tomás Pompeu; 1.º e 2.º vice — Pedro de Queiroz e Virgílio de Moraes; 1.º e 2.º secretários — Valdimiro Cavalcante e Raimundo Arruda; tesoureiro — Alvaro Mendes; orador oficial — Justiniano de Serpa, que era quatro anos depois substituído por Farias Brito. A Academia Cearense via findar-se a sua primeira fase aos 17 de julho de 1922 quando, segundo nos informa o prof. Dolor Barreira, Justiniano de Serpa lhe promoveu a reconstituição, salvando-a, dêsse modo, de um naufrágio que parecia iminente.

OBJETIVOS DA ACADEMIA

Guiada pelos melhores propósitos, a Academia Cearense incluía em seus primitivos estatutos vários objetivos tendentes ao aprimoramento de nossa cultura, comprometendo-se, particularmente, a: 1) promover o exame das doutrinas ou questões literárias e científicas da época, e divulgar os resumos



Frânklin Távora



Fernandes Távora



Joaquim Catunda

FIGURAS
DE
NOSSA ACADEMIA



Hugo Catunda



Alvaro Martins



Carlyle Martins

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

respectivos em sua futura revista (1896), ou torná-los conhecidos através de discussões, palestras e conferências; 2) acompanhar o movimento intelectual dos povos cultos e difundi-lo entre os sócios, mediante exposições escritas; 3) esforçar-se por alargar a esfera da instrução superior e secundária do Ceará, devendo para isso manter ou auxiliar institutos profissionais e técnicos; 4) procurar o índice da instrução primária, provocando pela imprensa ou oralmente a atenção dos poderes públicos para os variados problemas da educação e, 5) fomentar o gôsto artístico e literário em nosso meio, por todos os meios ao seu alcance.

As prolíferas atividades da Academia, ainda em sua primeira fase, revelaram-se, conforme testemunho histórico do prof. Dolor Barreira, não só pelas publicações que enchem as páginas de sua revista, como também pelos trabalhos lidos e apreciados em suas sessões ordinárias. Contavam-se, então, entre os seus colaboradores, Farias Brito, com ensaios filosóficos, Tomás Pompeu de Sousa Brasil, com pesquisas demográficas e de economia agrícola, Barão de Studart, com investigações acêrca da flora e da fauna do Ceará, e, para mais não citar, Clóvis Beviláqua, com artigos de crítica literária.

FARIAS BRITO "IMORTAL"

O acadêmico Farias Brito foi um dos que deixaram seu nome gravado nos anais da Academia Cearense, em sua primeira e brilhante fase. Lendo, inicialmente, a sua introdução à "Finalidade do Mundo", na sessão de 12 de setembro de 1894, Farias Brito aparece nas sessões subseqüentes a fazer a leitura dos capítulos iniciais de sua obra principal. Na reunião de 11 de junho de 1895, ei-lo a anunciar a saída do prelo do primeiro volume de sua "Finalidade do Mundo", registrando-se na sessão de 25 do mesmo mês, a distribuição entre os demais "imortais" de alguns exemplares dêsse livro. A 6 de setembro de 1898, de nôvo nos surpreende o vulto do pensador cearense a entreter seus companheiros com o estudo "Sôbre a filosofia de Malebranche", trabalho que, posterior-

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

mente acrescido de observações críticas, iria integrar-se no segundo volume, capítulo III, dessa mesma obra, já subordinado ao título de o "Ocasionismo de Malebranche". Quase um ano mais tarde, na sessão de 25 de julho de 1899, Farias Brito lançava o segundo volume da "Finalidade do Mundo", e a 17 de outubro dêsse ano, lia o orador oficial da Academia para uma assistência composta de figuras como Tomás Pompeu de Sousa Brasil, Barão de Studart, Justiniano de Serpa, Antônio Bezerra e outros, o pequeno ensaio intitulado "As operações do entendimento, segundo Spencer".

O LONGO SILÊNCIO

A partir de 1901, conforme escreve Albano Amora, em sua síntese histórica "A Academia Cearense de Letras", verificou-se o primeiro e duradouro hiato na vida dessa entidade, tornando-se inicialmente quase nula e depois completamente apagada a existência associativa entre os acadêmicos cearenses. À falta do estímulo das reuniões habituais, que deixaram de realizar-se por um longo espaço de tempo, somente a revista conservara vivo até 1914 o fogo da "imortalidade", de vez que os bancos do velho sodalício continuavam vazios, ante a indiferença de seus ocupantes. De tal maneira desandou a Academia, que em 1922, dos 28 consócios que formavam o seu quadro efetivo, apenas 8 permaneciam em Fortaleza. Dos vinte que não mais a freqüentavam, alguns haviam morrido, e muitos dêles se haviam fixado noutros Estados, notadamente no Sul do País. Atendendo, então, a uma sugestão de Leonardo Mota, Justiniano de Serpa tomou a deliberação de reorganizá-la, já sob a nova denominação de Academia Cearense de Letras, elevando o número de trinta para quarenta "imortais". A sessão magna de instalação da nova fase se deu no Palácio do Governo, sob a presidência do próprio Justiniano de Serpa, a êsse tempo, primeiro mandatário do Estado. Mas, em que pêsse os esforços desenvolvidos por alguns acadêmicos, a segunda fase da Academia não chegou a vingar, perecendo um ano depois, face a morte de Justiniano de Serpa, seu principal incentivador.

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

res, Tomás Pompeu Filho, Dolor Barreira, Teodoro Cabral, Martins Rodrigues, Mozart Firmeza, Monte Arrais, Beni Carvalho e Emídio Barbosa.

INCORPORAM-SE AS ACADEMIAS

Por volta de 1950, Fortaleza se apresentava com duas sociedades literárias: a Academia Cearense de Letras e a Academia de Letras do Ceará. Todavia, como houvessem chegado à conclusão de que o meio não comportava a existência de duas entidades similares, os acadêmicos Dolor Barreira, Joel Linhares e Clodoaldo Pinto, representando a primeira, e Henriqueta Galeno, Perboyre e Silva e Manoel Albano Amora, representando a segunda, convieram em juntá-las numa só academia, sob a denominação da mais antiga, sendo admitidos nas vagas dos sócios já não radicados em nosso Estado, os seguintes participantes da Academia de Letras do Ceará: Adonias Lima, Meneses Pimentel, Francisco de Alencar Matos, Henriqueta Galeno, Perboyre e Silva, José Valdo Ribeiro

TERCEIRA FASE

Acadêmico da segunda fase, integrado no quadro da Academia quando de sua reestruturação em 1922, ao prof. José Carlos de Matos Peixoto coube a missão de reorganizar, numa terceira fase, a mais antiga sociedade de letras do Brasil. Esse novo período se inaugurou a 21 de maio de 1930, e chegou aos nossos dias graças ao devotamento quase beneditino de alguns "imortais". Na recomposição patrocinada por Matos Peixoto, ficou assim constituído o quadro de sócios efetivos da Academia Cearense de Letras: Demócrito Rocha, Renato Braga, Tomás Sobrinho, Armírio Araújo, Amora Maciel, Luís Sucupira, Pontes Vieira, Antônio Furtado, Cruz Filho, Válter Pompeu, Fernandes Távora, Matos Peixoto, Carvalho Júnior, Joel Linhares, Natanael Cortês, padre Misael Gomes, Jáder de Carvalho, Antônio Teodorico, Andrade Furtado, Martinz de Aguiar, Antônio Sales, Clodoaldo Pinto, Elias Malmann, Júlio Maciel, Otávio Lôbo, Pápi Júnior, José Sombra, Carlos Studart Filho, Adauto Fernandes, Mozart Pinto, Josafá Linha-

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Ramos, Hugo Catunda, Livino de Carvalho, Leite Maranhão, Manoel Albano Amora, Gastão Justa e Sidney Neto.

A FASE DEFINITIVA

Aclamado pelos seus companheiros para presidir os destinos da Academia Cearense de Letras, que, com intercalados sinais de vida, permanecia como que anestesiada, ao prof. Dolor Barreira se deve o rejuvenescimento definitivo dessa instituição. Refundindo o quadro de sócios efetivos e dando forma nova aos seus estatutos, o autor da "História da Literatura Cearense" conseguiu realizar uma obra de real significação, legando aos seus sucessores saldos positivos de uma boa política acadêmica. Procurando fazer pela Academia tudo o que estava a seu alcance, deu-lhe uma sede condigna, fêz voltar à circulação a sua revista e, contando com a colaboração imprescindível da bibliotecária Maria da Conceição Sousa, organizou a sua biblioteca, catalogando-a sob os mais modernos processos técnicos, inclusive registrando-a no Instituto Nacional do Livro, para que a Academia pudesse fazer jus a tôdas as publicações distribuídas por essa instituição federal.

O AMANHÃ DA ACADEMIA

Cumprido o mandato do prof. Dolor Barreira, os destinos da Academia Cearense de Letras foram confiados, de então para cá, aos acadêmicos Mário Linhares, Raimundo Girão, Andrade Furtado e, por último, a Renato Braga, o historiador da Comissão Científica de Exploração. Procurando prestigiar por todos os meios possíveis a velha sociedade criada por Tomás Pompeu, o prof. Renato Braga tem a seu crédito, além de outras iniciativas meritórias, a realização do Curso de Literatura Brasileira, ministrado por romancistas e críticos literários da terra e freqüentado por uma assistência das mais seletas. Já agora, voltam-se os "imortais" cearenses para o futuro, desejosos de entregarem a sorte de sua instituição a outro consócio da estirpe intelectual dos presidentes anteriores. A hora, como se vê, é de decisão, de vez que a Academia não poderá jamais afundar no silêncio e na indiferença.